

Souza, Maria Adélia A. de. Globalização e efeitos perversos: Relendo a Geografia da Fome

Texto elaborado para o I ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, realizado em Aracaju, de 5 a 9 de setembro de 1995.

www.territorial.org.br

TERRITORIAL Instituto de Pesquisa, Informação e Planejamento

GLOBALIZAÇÃO E EFEITOS PERVERSOS

Relendo a Geografia da Fome *

Maria Adélia A. de Souza
Professor Titular
Departamento de Geografia
Universidade de São Paulo
São Paulo, setembro de 1995
BRASIL

1. Globalização e Geografias da Desigualdade

O processo de globalização entendido como uma das características importantes deste período da história denominado *período técnico, científico e informacional* (SANTOS, 1985), necessita ser melhor explicitado, com relação aos países pobres, especialmente aqueles da América Latina, África e Ásia. É fundamental estudar os efeitos desse processo *inacabado, em marcha, mas que generaliza-se e aprofunda-se como tendência* (IANNI, 1992. p.24) e que vem, ao que tudo indica, implicando em efeitos perversos sobre uma imensa parte do globo.

Mesmo entendido apenas como interligação das economias industrializadas através dos mercados globais e dos produtos globais, mas com enormes possibilidades de se estender por todas as partes do globo (IANNI, 1992), a globalização já precisa ser analisada à luz de seus efeitos sobre os chamados *países pobres*. Neste sentido, a releitura da Geografia da Fome pareceu-nos exemplar: o desenvolvimento alcançado pela ciência e pela tecnologia, à rigor, deveria exterminar com o problema da fome no mundo. No entanto, isto não ocorre. Introduzir estas questões para debate, é o objetivo deste texto.

A compreensão dos processos sociais hoje, não pode prescindir do entendimento dessa principal característica contemporânea dada pelo processo de globalização que no

* Este texto foi elaborado para o I ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, realizado em Aracaju, de 5 a 9 de setembro de 1995.

contexto desta reflexão implica no que temos denominado de Geografias da Desigualdade. (SOUZA,1993).

As Geografias da Desigualdade são produto do processo de apropriação desigual do valor (valor de uso *versus* valor de troca).

A comida é valor de uso para todos os seres humanos, é condição da existência humana. A falta de alimentação implica na morte.

No entanto, o alimento é valor de troca para poucos, que nos mercados mundiais lidam com as leis da abundância e da escassez, objetivando o processo de acumulação capitalista.

Neste sentido compreender as questões relativas a abundância e a escassez se constituem num elemento importante para a releitura da Geografia da Fome e para a fundamentação dessa Geografia da Desigualdade, dessas geografias do capitalismo.

2. Abundância e escassez: uma configuração da Geografia da Fome no mundo de hoje.

Abundância/escassez se constituem em um par dialético, resultante das relações mercantis e que assumem configurações interessantes neste período da histórica, clivado de ciência, técnica e informação .¹

É evidente que as antigas compreensões sobre a abundância e a escassez, precisam ser reformuladas pois, a ciência e a técnica interferiram diretamente nesses conceitos, quando relacionados com a produção de alimentos: a técnica reproduziu territórios produtivos e a ciência (biotecnologia) revolucionou a produção.

Logo, a noção de escassez vinculada a hecatombes, determinismos geográficos, etc. caiu por terra. A escassez hoje é, sobretudo, socialmente produzida; opera-se uma mudança qualitativa do seu caráter. Hoje, tudo se transforma em mercadoria e quanto mais desenvolvidas as capacidades técnicas de produção, mais se intensifica a polaridade entre escassez e abundância, ou seja

¹ Para estas reflexões, contei com a colaboração de meu orientando (doutorado) Ricardo A. Castillo, que elaborou em interessante texto sobre o conceito de escassez/abundância.

uma absoluta regulação entre demanda e necessidade, quando se refere aos elementos indissociáveis a reprodução material da vida. É nesta perspectiva que se pode falar em **escassez produzida**.

Nesta perspectiva também, se pautarmos o entendimento da abundância como *o equilíbrio da produção humana e das finalidades humanas* (BAUDRILLARD, s.d.:66), ela não pode jamais ser obtida sob o atual sistema de relações socio-espaciais.

Tal dificuldade se impões uma vez que ambas, escassez e abundância são reguladas pelos mercados que *propiciam os dispositivos de sinalização implicados em sistemas complexos de troca, mas eles também mantêm, ou causam ativamente formas importantes de privação*. (GIDDENS, 1991:164).

É interessante a proposta de BAUDRILLARD (s.d.:56), sobre a sociedade da abundância: é nela exatamente que se produzem alimentos e famélicos. *Enquanto as mercadorias banais gradativamente perdem a importância com a homogeneização do consumo, e, assim, novas mercadorias são inventadas para sustentar um traço de distinção social, o mesmo não pode ser dito da mercadoria terra (ou “espaço mercadoria”)*. Tanto uma quanto outra são *insubstituíveis nas funções que cumprem na sociedade, embora as formas variem na história e na geografia*. (Castilho, 1995:4).

No mundo da globalização, cujo paradigma é o mercado, abundância e escassez se constituem em moeda indispensável. Estudar a fome hoje é, sem dúvida, percorrer os caminhos da ciência e da técnica no território, mediatizadas pelo mercado (escassez e abundância).

Esta dicotomia é interessante de ser analisada, por exemplo, quando examinados os dados referentes àqueles aspectos que dizem respeito à formação dos mercados mundiais de produtos alimentares. Alguns dados colhidos em estudo da FAO , Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, são curiosamente reveladores de interessantes processos.

3. Configurando a fome no mundo

É evidente que a **mercadoria alimento**, terá sua movimentação no mundo extremamente dependente da evolução da economia mundial. A grande maioria dos países do Terceiro Mundo (ou quarto ?) dependem, na sua dinâmica econômica da exportação de produtos agrícolas e estes representam cerca de 10 % do comercio internacional e uma parte significativa de suas receitas de exportação. De qualquer maneira, a incerteza sobre a retomada da economia mundial torna difícil qualquer avaliação sobre o impacto que terá sobre a agricultura. Muitas são as especulações e simulações que se realizam, sobretudo na FAO (1993:35-42).

Para esse organismo internacional, em 1992, nos *países em desenvolvimento* a produção agrícola aumentou apenas 1,7 %, isto é a metade da taxa de crescimento médio registrada durante os dez anos precedentes. No Extremo Oriente, na América Latina e no Caribe, segundo a FAO, as altas de produção agrícola foram completamente anuladas pela expansão demográfica. Ainda que subrepticamente, surge aqui, na análise daquele organismo internacional, uma perigosa relação entre produção alimentar e crescimento demográfico, tese absolutamente refutada por minha reflexão. É preciso que nestas análises também seja dito que o melhor controle demográfico é sempre feito pelo acesso ao alimento. As sociedades da abundância tem um absoluto controle sobre sua reprodução humana. O combate a fome se constitui na melhor maneira de exercer um controle sobre a natalidade.

No entanto, se considerarmos os países desenvolvidos, a América do Norte, por exemplo, sua produção agrícola conheceu uma retomada sensível , ou seja +7,5 % em 1992 contra -1% em 1991 e um crescimento médio anual de 1% ao ano, nos últimos dez anos, o que representa mais de 80% do crescimento da produção mundial em 1992.

Na Europa Ocidental, no entanto, a produção agrícola permanece inalterada.

A Europa de Leste e a ex-URSS, novamente tiveram índices negativos. Na ex-URSS, desde 1987, há uma baixa global de 15% e na Europa de Leste, desde 1989, uma igual baixa global de 18%. Estas baixas são atribuídas, na ex-URSS, ao declínio da produção animal e na Europa de Leste, às culturas dizimadas pela seca.

4. A Geografia Desigual: o mundo e a dialética da escassez.

No mundo de hoje, face as características deste período histórico, há uma abertura fantástica das fronteiras para as mercadorias e um fechamento das mesmas para os homens. Este fato, inerente ao processo de globalização, cria uma intensa movimentação de seres humanos sobre a face da terra, regidos por uma *razão global/razão local* à qual tenho acrescentado a *razão clandestina*.

Para sobreviver, num mundo global, há uma intensificação das migrações, na maioria das vezes de homens clandestinos. A clandestinidade é uma das razões da sobrevivência. Tais são os seres humanos produzidos no mundo da globalização. Nesta perspectiva, à fome alia-se a razão clandestina, dos homens sem identidade: os homens pobres e lentos, de que nos fala SANTOS (1994).

Nessa perspectiva, SANTOS (1987:50) sugere que a produção em massa de bens materiais, não leva a uma abundância, mas a uma escassez, acrescentando que o atual período é aquele em que *as possibilidades de liberação, tanto esperada e agora presente, ainda se traduzem em uma alienação original*.

Assim, no atual modo de produção, face as características das atuais relações de produção, o homem não se libertou do jogo da escassez (SARTRE, 1972:33). Para este autor, no entanto, a carência é o ponto a partir do qual o homem se supera, ou seja, a

própria raridade traria em si a condição da sua superação, ainda que através de instrumentos que estão a serviço dos poderes hegemônicos, como a própria técnica. A História *é o esforço para superar a escassez e, com ela, a cega operação das forças sociais - o prático inerte*². (SARTRE in BELL, sd.:505)

Mas nem todas as reflexões são assim otimistas. Para BAUDRILLARD (1985:64) *O social está nessa dupla qualidade: produzir a sobra e destruí-la*. Mas, para ROUSSEAU a escassez é uma restrição artificial, pois a riqueza de alguns, assume seu mais profundo sentido quando defrontada com a privação de outros (BELL, sd) .

MARX e ENGELS, visavam a abundância econômica quando propunham, respectivamente: *De cada um segundo a sua capacidade e a cada um segundo suas necessidades e É o salto da humanidade, que sai do reino da necessidade para o reino da liberdade*.

Mas, BELL (sd: 516), em sua teoria sobre a escassez, propõe que a eliminação da escassez significa uma situação de custo-zero, o que é impossível. *Resumindo, o conceito de abolição da escassez é um absurdo empírico*.

Como se vê, são enormes os desafios a serem enfrentados para uma releitura da Geografia da Fome. O fundamental, no entanto é prosseguir na elaboração teórica e aprofundar a análise do empírico. Este, por seu lado é revelador e tende, por enquanto a comprovar a tese de BELL, acima referida.

5. O território e o lugar - reveladores da Geografia da Desigualdade.

Numa releitura da Geografia da Fome, o território, neste texto entendido como Território/Nação, é revelador dessa dialética escassez/abundância.

² O **prático inerte** de SARTRE é interpretado como a incapacidade da sociedade de compreender-se a si mesma **como** sociedade. (BELL,sd)

Basta examinarmos o movimento das curvas contidas nos quadros anexos, independentemente da diferenciação dos seus valores. Os Gráficos de I a VI, a seguir demonstram, para o mundo, América Latina, Países Desenvolvidos, Bolívia, Madagascar, Brasil e Cuba disponibilidades de alimento. Desnecessário tecer comentários !

Já, comparando os quadros a seguir, que demonstram a evolução da população rural, agrícola e ativa, comparadas com a evolução dos índices de produção agrícola, são extremamente reveladores, não apenas da mobilidade da população (campo cidade), mas, sobretudo da tecnificação do campo e reformulação agrária.³

Num mundo global, as facilidades garantidas para o processo de acumulação evidentemente se ampliaram. A técnica amplificou a possibilidade de muitos lugares entrarem em circuitos produtivos jamais sonhados. Trava-se, portanto uma batalha mundial entre os interesses transnacionais, não tanto para a produção (que é flexível) e nem pelos lugares, que são múltiplos e inúmeros. A conexão geográfica possibilitada pela técnica, insere qualquer lugar conectado, no circuito global de produção e consumo. No entanto, se faz necessário dispor do requisitos da globalização, isto é, estar *up to date* com relação as características de ponta das sociedades hegemônicas deste período histórico. Pois, os países pobres, são acessados, pela técnica, pelos países hegemônicos e, passam especialmente no caso da produção agrícola, a ser lugares preferenciais. Nesta perspectiva, inúmeras são as questões ligada à produção de alimentos que, de mundiais passam a ser globais. Caso contrário, como entender o famigerado interesse americano, por exemplo, pela Lei das Patentes, que envolve a questão da propriedade intelectual, como aquela referente aos cultivares ? Tema complexo, que não será abordado aqui, mas que se constitui num fundamental efeito perverso da globalização, com consequências diretas sobre o problema da fome

³Ressalte-se aqui que CUBA, deve ser interpretada de forma bastante cautelosa, face as características de sua inserção política no mundo e dos permanentes bloqueios aos quais tem sido submetida desde a Revolução.

no mundo. Como, também neste contexto entender a atualíssima questão do *Agribusiness* ?

Porém, a perspectiva deste texto é geográfica. Do ponto de vista analítico, ressaltamos os territórios nacionais. Do ponto de vista prospectivo, chamamos a atenção para os lugares.

Mas, lugar e mundo, além do território, estão nas perspectivas geográficas desta pesquisa.

Porque o mundo ?

A produção de alimentos, com o desenvolvimento técnico, científico e informacional, explodiu com os velhos determinismos que circunscreviam a produção a determinadas condições geográficas (naturais). A técnica enterrou essa determinação. Ainda mais, pela engenharia genética e pela biotecnologia, os produtos alimentares podem ser produzidos em distintas condições e em distintos lugares. No entanto, o olhar desse processo de produção é sempre o mundo, o mercado mundial.

Porque o Lugar ?

Primeiro, porque o processo de produção, na realidade está vinculado aos lugares, às condições gerais de produção, nos lugares.

Segundo, e este é um aspecto importante a ser aprofundado, não neste texto, mas no processo de pesquisa, na tentativa de vislumbrar as táticas de luta de combate a fome, pois o lugar diz respeito a prática cotidiana e, conseqüentemente à perversidade e à solidariedade, dimensões existenciais do mundo, especialmente dos pobres.

O lugar, do pobre, não tem passado. A fome, ficou em outro lugar, no passado. Esta esperança é o que move o presente. Os pobres e famintos, são seres moventes, mutantes, mas solidários. Para eles, o lugar é o futuro.

Global, mundial e local, dimensões escalares e pistas geográficas inerentes ao estudo da fome neste período da história. Elementos para uma releitura da Geografia da Fome.

A busca de um lugar no futuro.

BIBLIOGRAFIA

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa
Edições 70. s.d.

BAUDRILLARD, Jean **A sombra das maiorias silenciosas. O fim do social e o surgimento das massas**. 2a. Ed. São Paulo, Brasiliense. 1985.

CASTILLO, Ricardo A. **Interpretações sobre o conceito de escassez para os estudos de “geografia, perversidade e globalização. (A globalização perversa: a fome e a pobreza)**. inédito. Trabalho realizado para o curso O Novo Mapa do Mundo - Globalização e fragmentação. Departamento de Geografia USP. Programa de Pós Graduação em Geografia Humana. São Paulo, 1995.

GIDDENS, A. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo. Editora da UNESP. 1991.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo. Nobel. 1987

SANTOS, Milton. **Espaço & Método**. São Paulo. Nobel. 1985.

SANTOS, Milton **TEMPO, ESPAÇO, TÉCNICA**. São Paulo, Hucitec. 1994

SOUZA, Maria Adélia **Geografias da Desigualdade: globalização e fragmentação**. in Território - Globalização e Fragmentação. Hucitec/ANPUR. São Paulo, 1994: 21 - 28.

SOUZA, Maria Adélia **A fome no Brasil e no mundo: perversidade e globalização**. São Paulo. Encontro Internacional Lugar, Formação Socio-Espacial, Mundo.

Departamento de Geografia da USP/ANPEGE. São Paulo, 1994.

FAO/ONU. **La situation mondiale de l'alimentation et de l'agriculture.** Roma. 1993.

SARTRE, Jean-Paul **Questão de método.** 3a. ed. DIFEL. 1972.

IANNI, Octávio. **A sociedade Global.** Rio de Janeiro Civilização Brasileira. 1992.